

A VIDA E A MORTE

*Alveriano de Santana Dias **

RESUMO - Nessa obra o autor tenta desmistificar o sentido da morte com relação à vida. Desde os tempos antigos, a morte foi tratada como sendo algo doloroso, dando cabo da vida, levando o ser humano à sepultura, sem, no entanto, explicar o real sentido desse consentimento do G·A·D·U·, para a nossa passagem ao Oriente Eterno. O conceito da morte e a forma de como a encaramos passa pelas questões culturais. Cada povo tem os seus costumes e a sua cultura com relação ao seu último suspiro. Portanto, nesse sentido, cada sociedade se distingue pelos seus atos religiosos, passando pela questão de aceitar ou não o fim da vida. Aqui se expressam essas questões culturais, sem persuadir nenhum leitor a mudar de pensamento religioso ou cultural, mas leva todos a refletir melhor sobre o sentido da sua própria morte.

Palavras Chaves: Céu. Inferno. Iluminação. Salvação. Condenação. Medo. Reino de Deus. Nirvana. Tentação. Pecado. Suicídio. Morte.

ABSTRACT In this work the author attempts to demystify the sense of death in relation to life. Since ancient times, death has been treated as something painful, killing life, bringing the human being to the grave, without, however, explaining the real meaning of the G·A·D·U· consent, for our passage to the Eternal East. The concept of the death and the way we face it passes by cultural issues. Every people has its customs and its culture concerning its last breath. Therefore, in this meaning, each society is distinguished by its religious acts, through the question of accepting or not the end of life. Here these cultural questions are expressed, without persuading any reader to change religious or cultural thinking, but leads all to better reflect on the meaning of their own death.

Key words: Heaven. Hell. Enlightenment. Salvation. Condemnation. Fear. Kingdom of God. Nirvana. Temptation. Sin. Suicide. Death.

INTRODUÇÃO

O que se pretende aqui, é questionar a morte com relação a vida, e essa com aquela. Nessa obra de arquitetura, encontram-se algumas afirmações, questionamentos e abordagens, que são, de ordem, puramente, particular, fruto do pensamento do autor, sem, no entanto, ter nenhuma intenção de persuadir o leitor com relação ao tema ora abordado. Como também, as citações religiosas, aqui expressas, estão de certa forma, de acordo

com a sua fé. Assim, também, entenda-se sobre alguns conceitos culturais que aqui são relatados.

Mesmo sendo católico, há em alguns trechos, certos pensamentos da doutrina espírita e budista, que enriquecem, de um modo geral, essa obra. Isso não quer dizer que o autor concorde ou discorde, até mesmo porque, como maçom, respeita todos os credos professados pelos homens.

Não poderia deixar, como bom cristão, de fazer inúmeras citações bíblicas, as quais alicerçam a fé que

* O autor é Venerável Mestre da Loja Maçônica de Estudos e Pesquisas Renascença nº1 e Ex-Venerável Mestre da Loja Simbólica Pedro Tomaz de Medeiros Nº 7. É Membro Efetivo da Academia Paraibana de Letras Maçônicas. É Médico Veterinário, especialista em Extensão Rural para o Desenvolvimento Sustentável com enfoque e aperfeiçoamento em Agroecologia.

professamos em Cristo. Os relatos bíblicos mencionados servem como âncora para o leitor se embasar na doutrina cristã, à medida que a leitura for transcorrendo.

Acreditar ou compreender tudo o que aqui está escrito é uma questão puramente pessoal, até mesmo porque a segunda independe da primeira. Você pode até aceitar alguns pontos de vista, mas a sua concepção de fé pode lhe suscitar alguns questionamentos. Dessa forma, essa obra não passa pela abordagem do que é teorema ou o que é axioma; muito menos, questionar ou afirmar: isso é hipótese, ou então, uma tese. A leitura tem que ser desinteressada, sem uma busca por respostas.

Portanto, navegue nessa leitura, deixe que o seu pensamento flua, como o rio que corre sem questionar o seu percurso, transcenda para compreender melhor o sentido da vida e, conseqüentemente, viva em paz, aceitando ou não a sua morte.

A MORTE – UTOPIA PARA UMA NOVA VIDA?

Ao longo dos tempos, o medo da morte tem causado muito desconforto para todos os seres humanos, principalmente para os ocidentais. Essa verdade absoluta os incomoda a ponto de tentarem, a todo custo, dela se esquivarem como se, de algum modo, pudessem evitá-la.

Criou-se sobre ela uma aura de pavor, um sofrimento tão grande, que o temor de enfrentar essa realidade inevitável, chega a tirar o brilho dos olhos daqueles que se imaginam diante de tal situação algum dia. Muitas vezes se ouve dizer: “Deus me livre de morrer; ou então, não quero ir agora.” Outros, mais comedidos, dizem: “Não quero morrer antes de criar os meus filhos.” Os filhos tornam-se adultos, casam; chegam os netos, os bisnetos e o discurso continua o mesmo; muda apenas a justificativa: “Não quero morrer agora, quero ver meus netos crescerem.” Como se a responsabilidade de criá-los fosse dos avós. O nosso tempo de permanência na terra, ou seja, a nossa vida, não depende do nossa vontade, do nosso querer.

O ser humano, se pudesse, anularia a morte. Ela tem causado muitos transtornos por se tratar de um momento inevitável na vida de cada um. A convivência com essa realidade incomoda tanto, que o medo se instala na pessoa de forma tão traumatizante, de modo que, só em pensar no assunto, ela passa a sofrer. Mas nada pode mudar.

Por mais que procuremos compreendê-la, menos sabemos sobre ela. Por mais que não a desejemos, mais ela se aproxima, à medida que o tempo passa. Por mais que tenhamos uma vida agradável, começamos a compreender que tudo isso é fugaz e um dia terá fim. Daí nutrimos um sentimento de medo tão grande pela morte que não cogitamos um dia ter que enfrentá-la.

Há que se perguntar: por que temos medo de algo que é inevitável? Por que não passamos a aceitá-la como um processo contínuo e natural de nossa vida? Talvez haja um trauma inconsciente para que não a encaremos com naturalidade. Tantos parentes e amigos não vimos serem sepultados. Ainda assim, não admitimos que esse seja o fim que está reservado para todos nós.

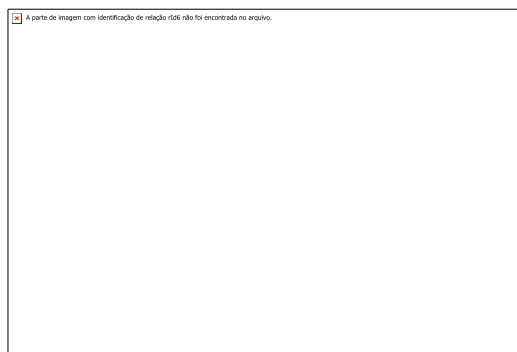
Na verdade, ninguém deseja ser enterrado e entrar em estado de decomposição, nem para si e nem para as pessoas que ama, mesmo sabendo que é um processo da vida; mesmo compreendendo que na vida tudo é um ciclo vital. Para quem fica resta a saudade, e para quem parte como é que fica? Ninguém sabe. Daí surge o medo do desconhecido mundo das incertezas.

Atrelada a tudo isso, vem a questão da salvação: somos merecedores do céu ou do inferno? São tantas indagações em nossas cabeças que não conseguimos fugir desse medo, principalmente, por não ter certeza para onde iremos. Se não ficássemos com essa dúvida que nos aflige, talvez a nossa conduta fosse outra, e o medo da morte não existisse na vida de ninguém.

Por que não entender, então, que somos merecedores da salvação? Seria bem melhor pensar positivo do que imaginar o pior para o nosso espírito. Desse modo, seríamos mais felizes e estaríamos confiantes de que, após a morte, tudo recomeça. Viveremos, então, numa completa paz, com pleno amor; num estágio de felicidade jamais alcançada por nenhum ser humano na sua vida terrena. Será utopia pensar assim?

CÉU OU INFERNO?

SALVAÇÃO OU CONDENAÇÃO?



Há algum tempo, dei carona a um homem que me elogiou por guiar o carro com bastante prudência. Na oportunidade, disse-me que tinha muito medo de morrer, o que me deixou bastante admirado. Então o questionei: “Como pode o senhor sentir esse desconforto, se fala para todos aqueles que o seguem que eles estão salvos e que a sua igreja vai ser “arrebataada” por Jesus no dia do juízo

final?” Continuando, disse-lhe ainda: “No seu lugar, se tivesse a certeza que o senhor tem no que se refere à salvação, gostaria que Deus me levasse nesse exato momento, só assim eu iria para o céu e sentaria à direita de Jesus, como ele prometeu.” Coitado daquele homem! Não tinha onde colocar a cabeça. Permaneceu calado durante todo o resto da viagem, que ainda se prolongou, aproximadamente, por mais uma hora. Foi um suplício para ele, estava muito envergonhado e sem argumento pelo que dissera e ouvira.

Por que aquele homem tinha tanto medo de morrer, se demonstrava ser uma pessoa confiante na vida eterna, cheia da graça de Deus, compartilhando com todos os seus seguidores o tão almejado REINO DOS CÉUS? Na verdade, acredito que ele não tinha certeza absoluta do que pregava, por esse motivo tinha tanto medo da morte. Para ele era o fim de tudo e nas entrelinhas de sua vida, ela o levaria para o temido desconhecido, para o mundo das incertezas. O seu destino seria o céu ou o inferno? Eis a questão.

Outro dia, estava no trabalho, quando ouvi duas senhoras conversando. No meio da conversa, uma delas falou que ia ser “arrebataada” para o céu juntamente com sua igreja, e que a amiga deveria, também, aceitar Jesus se quisesse ser salva, ou então iria para o inferno. Indignado com aquela afirmativa, levantei-me, fui até a sala onde as duas estavam, e com as mãos levantadas para o céu, exclamei: “Senhor meu Deus, como gostaria de morrer agora!” Tamanho foi o espanto daquela mulher que estava pregando a sua salvação, que me perguntou: “Ficou doido foi?” E, continuou dizendo: “Deus me livre, eu quero é viver!” Cinicamente, dei meia volta e respondi: “Eu tanto não estou louco, como tenho plena consciência daquilo que falo. Gostaria de ir ao encontro do Senhor nesse exato momento, porque só assim, hoje mesmo eu estaria sentado à direita do Pai, como o próprio Jesus prometeu.” Ela ficou cabisbaixa. Então lhe perguntei: “Por que ficou pensativa?” O seu rosto ficou pálido, não sabia o que me responder. Dando continuidade a conversa, acrescentei: “Esse seu semblante me diz que o seu coração não tem certeza daquilo que prega”. Disse-lhe ainda: “Quanto mais pecado maior é a incerteza, pode ser que vá para o inferno.” Foi um silêncio total depois dessa conversa. Voltei a minha sala e dei continuidade ao meu trabalho. Desde então, nunca mais vi aquela senhora.

Em outra oportunidade, fui a um velório do pai de um irmão nosso. Chegando lá fiz um pequeno comentário: “Esse é o fim de todos nós e não adianta fugir dessa realidade.” Então, um amigo muito religioso pertencente a uma dessas igrejas ditas evangélicas falou: “É verdade, mas ninguém quer morrer.” Por saber da sua aparente religiosidade através da pregação da salvação, perguntei-lhe: “Você tem medo de que isso aconteça com você?” Ele afirmou que sim. Acrescentou ainda: “Por que não teria se o próprio Jesus teve receio da morte?” O

questionei mais uma vez: “Você acredita que Jesus veio para vencê-la e a venceu? Sabia que isso estava escrito?” Ele respondeu que sim. Então, fiz a seguinte indagação para ele: “Como é que você me diz que Jesus teve medo dela se sabia de tudo isso?” Ele não soube responder. Continuei dizendo: “O seu Jesus é muito diferente do meu. Na sua fé Ele teve receio de enfrentá-la, eu não acredito que isso tenha acontecido.”

Dando continuidade ao diálogo perguntei: “Como poderia crer no meu salvador, que veio para ser entregue e vencer a morte, caso demonstrasse medo por ela?” Então, ele me relata a passagem do Getsêmane, onde Jesus pede para afastar o cálice, como se ali estivesse expresso a sua tanatofobia. Respondi: “Por que você não procura entender que Jesus era humano e que não desejava sofrer da forma tão brutal até o seu último suspiro, pedindo ao Pai que afastasse dele todo o martírio que iria passar?” Foi um silêncio total. Desconversou e não retornou mais a falar sobre o assunto.

Nesses três casos o medo da morte passa pela questão do céu ou do inferno, ou seja, da salvação ou da condenação. Mesmo pregando o Reino de Deus, está no inconsciente de todos eles o sentimento da culpa e, sem o perdão pelas suas faltas, a sua sentença seria o inferno num sofrimento eterno. Diante dessa incerteza, esse temor se torna evidente, até mesmo porque não sabem qual o destino do seu espírito, se é o céu ou o inferno. Procuram, então, explicar essa tanatofobia quando afirmam que até Jesus a temeu quando disse: “Meu Pai, se é possível, afaste-se de mim este cálice” (Mt. 26,39). Para mim isso é uma insensatez. Não compreendem a sua angústia, pelo martírio que iria passar.

Ninguém se acha tão puro e santificado ao ponto de não ficar inquieto diante dessa realidade. Tudo é condenável, tudo é pecado, nada ou quase nada nessa vida é permitido aos nossos olhos. Desse modo, o ser humano se autoflagela e busca explicações fora de si, como se Deus fosse um eterno perseguidor, carrasco dos seus amados filhos, castigando-os a viverem no inferno eternamente em sofrimento, sem nenhuma chance de absolvição. “Ah, se eles conhecessem o Pai,” não pensariam assim. Ele é puro AMOR, é todo perdão.

Olhe para dentro de si mesmo, e encontre o Deus maravilhoso que há em você e seja feliz. Só assim você perderá o medo de morrer e começará a entender que a morte, na verdade, é nascer para a vida eterna ao lado do Criador. Deus é AMOR não se esqueça disso. Que a felicidade encha o seu coração de paz, sem temor.

Somos os únicos seres viventes que só em pensar, que um dia vamos morrer ficamos apavorados. Por que isso acontece se é uma questão de tempo? Se a vida é um processo contínuo de morte? Essa é a verdade absoluta, nada irá mudar. Fica então o questionamento sem

respostas palpáveis: de onde viemos, para onde iremos? Não sabemos.

Daí o ser humano se apegar à vida como se fosse dono absoluto dela. Com isso, cria um elo tão grande com ela que o simples fato de saber que um dia vai morrer causa-lhe muito sofrimento, principalmente, quando vai chegando à velhice. Ele sabe que o seu dia está próximo. O medo, a angústia e a dúvida são as causas de suas aflições. Isso é um completo inferno na sua vida.

Por outro lado, há momentos que a pessoa sente que a vida não lhe dá mais prazer. Perde o encanto por ela, e o que lhe resta como refúgio é a morte. Nesse caso, podemos dizer que teve medo de morrer? Não sei responder a essa pergunta. Como, também, poderíamos pensar que perdeu a vontade de viver, por não encontrar forças e nem coragem para enfrentar os seus problemas cotidianos. Para fugir dessa realidade, talvez, o único caminho que acredita que lhe livrará do sofrimento é o suicídio. Eis um inferno na sua vida.

Portanto, a morte é, muitas vezes, a única solução que resta numa vida sem sentido, sem possibilidade de recomeço, ou quando mais nada pode lhe proporcionar alegria. Então, a saída que encontra é o suicídio, quando não, desenvolvem todos os tipos de doenças psicossomáticas, refúgio para o sofrimento, forma discreta da alma se livrar do corpo.

Mas, se pensássemos que durante a nossa existência no mundo material, acontece os seus altos e baixos, e que amanhã há um novo amanhecer. Sempre encontraríamos soluções para os nossos problemas, nada nos incomodaria ao ponto de tirar nossa vida com as próprias mãos. Tudo se resolve, há sempre uma saída, basta acreditar no Senhor nosso Deus e entregar-se em Suas mãos.

Angustiado, Jesus diz: “Minha alma está numa tristeza de morte” (Mt. 26,38). No entanto, Ele buscou refúgio e conforto no Pai e entregou-se em Suas mãos dizendo: “... contudo, não seja feito como eu quero, e sim como tu queres” (Mt. 26, 39). Quem nunca sentiu uma desilusão amorosa, ou algum tipo de desmotivação na vida? Portanto, se muitos já passaram por esses momentos, por que, então, não tiraram a própria vida? Acredito que o amor é a fonte de toda fortaleza do ser humano, o desamor o desmorona; o brilho da vida se esvai e a escuridão toma conta de sua alma. É o fim para essa pessoa. Faça como Jesus: entregue-se nas mãos de Deus.

Lembre-mos sempre que somos uma dádiva de Deus. Temos que buscar forças para vencer todas as nossas dificuldades, todos os nossos problemas do dia a dia. Nada pode ou deve nos abalar; tudo é efêmero; nada é eterno. O dia passa, e amanhã ele se renova. O que era problema, com o passar do tempo deixar de ser. Para o

que era angústia, logo vem o consolo. Ontem, o que estava provocando tristeza em mim, passou e, hoje, estou sorrindo de alegria. Tudo se resolve, se tivermos coragem de enfrentar as vicissitudes da vida.

Como é bom viver e ser feliz, compartilhar com os nossos amigos e familiares toda a nossa alegria, semeando o amor nos corações de todos que nos rodeiam, perdendo, principalmente, a quem nos causa sofrimento. Mas, tudo isso tem um tempo determinado, um dia tudo se apagará para todos nós. Por isso sofremos, o apego pela vida nos deixa medrosos e angustiados por perder o amanhã, um novo dia para quem fica, depois da nossa morte.

Faço aqui um questionamento: será que tivemos tanto medo de nascer, quando estávamos para ver a luz do dia pela primeira vez? Relutamos para que isso não acontecesse? Não sabemos responder por que não lembramos ou não sabemos de nada. Só temos conhecimento do aqui e agora, nada do que foi questionado acima está registrado em nossa memória. É o desconhecido. Se por acaso tivemos muito medo, podemos dizer que esse temor foi procedente e que a vida não presta? Claro que não. Ela é tudo isso que conhecemos. No caso da morte, será que não é um renascer? Se for, por que a rejeitamos tanto? Precisamos ter essa consciência: o nosso último suspiro nos leva para uma nova realidade de paz e eternidade ao lado do Pai.

Diante dessa nossa consciência de que um dia vamos morrer, mesmo assim, a morte nos assusta, ficamos apavorados só em falar. Se pudéssemos, não morreríamos nunca. Será que ela é tão ruim assim? Tão dolorida? Acredito que não. Devemos nos reeducar sobre esse processo que nos leva ao túmulo. Tudo é dádiva de Deus e não devemos ir de encontro com a sua sabedoria. O medo não irá mudar em nada essa premissa, essa verdade absoluta.

Nas savanas africanas, a cada amanhecer o antílope contempla o sol e sai à procura de alimento. No entanto, a qualquer momento poderá ser devorado pelo leão. É verdade que tenta a todo custo preservar a sua existência para poder criar seus filhotes, como também chegar até a velhice. Contudo, diante do perigo, não se acovarda, não fica parado se escondendo do seu predador. Atento a tudo, procura o seu sustento e vive cada instante de sua vida como se nada de mal pudesse lhe acontecer. Mas, quando chega a sua hora, sem questionar, entrega-se nos braços da morte. Parece que compreende o processo da cadeia alimentar. Porém, o amanhã é um novo dia para os outros antílopes, e tantos outros animais que estão na mesma situação de perigo. Isso também ocorre com o mais frágil pássaro, quando nos seus últimos momentos, em perigo, diante da águia que o persegue, luta desesperadamente para viver, mas não reclama por ter chegado a sua hora.

O elefante é um grande exemplo de resignação diante da morte. Quando chega a sua hora ele se afasta do grupo, segue em direção ao cemitério por livre e espontânea vontade sem nenhuma reclamação. Sabe que sua hora chegou, é o fim para ele. A sua missão foi cumprida. É mais uma vela que se apaga para a vida. Parece que compreende esse momento muito mais que nós seres humanos.

O HOMEM ENTRE A VIDA E A MORTE



“A velhice é uma sentença perpetua e o tempo um algoz severo.”

Podemos abordar essa questão de duas maneiras: 1) a morte é o fim, o vazio, o sono eterno, tudo se acaba com ela. Sendo essa visão do homem materialista. 2) existe transcendência para um plano espiritual, que a alma passa para um nível diferente e desconhecido. Há uma nova vida. É a visão do homem espiritualista.

Entre essas duas abordagens, logicamente a segunda é a menos dolorosa por estar associada com a crença de uma vida após a morte, isto traz alento ao sofrimento daquele que permanece vivo. Sem a visão espiritualista o homem não é completo, pois sofre muito mais com a realidade de que um dia vai morrer, chegando ao fim a sua existência.

“Porque morrer é uma ou outra destas duas coisas. Ou o morto não tem absolutamente nenhuma existência, nenhuma consciência do que quer que seja, ou, como se diz, a morte é precisamente uma mudança de existência e, para a alma, uma migração deste lugar para o outro.” Sócrates (469-399 a.C.)

Sendo assim, morrer, talvez, não seja de todo desagradável. Será que viver não é a nossa “condenação”? Eis um autêntico paradoxo. A encarnação nos conduz a várias formas de sofrimento e a uma busca incessante pela felicidade. Ademais, a vida implica morrer um pouco a cada dia, de forma que o evento terminal ao que chamamos de “morte”, é apenas o cessar do processo da nossa estadia terrena. Dessa forma, deveríamos, então, ter medo da vida e não da morte.

Se olharmos à nossa volta, no nosso dia a dia, tudo passa pela questão da existência e da inexistência. Os

dias, as semanas, os meses e os anos se vão. Apenas demarcamos o tempo contando a cada pôr do sol as horas..., os séculos. O dia se acaba, no entanto, surge outro dia; tudo que passou ficou para trás. Mas, isso não nos mete medo, temos sempre a esperança de viver um novo amanhecer. Por que, então, temos tanto temor da morte se acreditamos que tudo tem um novo recomeço?

Fernando Pessoa já dizia que “a morte é a curva da estrada; morrer é só não ser mais visto”. Diante disso, é como se fôssemos viajar para realizar um sonho, vivenciar uma nova realidade, uma viagem sem volta. Porém, permanecendo vivo, apenas ausente na vida de quem fica. Essa viagem é como um profundo sono e que vamos acordar ao amanhecer. Ao despertar estaremos em outra dimensão, longe da percepção de quem fica.

Devemos acreditar que estaremos com os nossos entes queridos, com quem já convivemos um dia, ou mesmo os do presente mais recente. Assim, prosseguiremos com a nossa jornada evolutiva nessa nova fase da existência. Acreditando que a vida é cheia de encontros e reencontros, o partir é um até logo; um até breve; até a próxima estação; até a próxima parada. Não importa, o mérito da questão não é se o nosso espírito vai para esse ou aquele lugar, se para o paraíso ou não. Afinal de contas, quem somos nós para julgarmos os nossos destinos?

Há uma expressão muito comum entre os ocidentais materialistas: “A morte é a única certeza que temos na vida.” Essa ideia nos leva a crer que tudo se acaba com ela. Porém, todo ser humano tem um íntimo desejo pela imortalidade, pela vida eterna. Essa vontade está intimamente relacionada pelo medo de que um dia vai ter que morrer. Qual a causa disso tudo? A resposta mais viável para esse questionamento é que todos nós temos receio do desconhecido, daí vem o instinto da autopreservação que estimula a evitar a nossa própria extinção. Ou esse temor vem de uma experiência antiga, guardada na memória já vivida e não mais desejada? Pode ser, também, proveniente, do exacerbado apego aos bens materiais que a vida nos oferece? Sinceramente, não sei responder.

Se o nosso desejo é viver eternamente, por que, então, temos medo de morrer como se fosse o fim de tudo? E, se fôssemos imortais será que não estaríamos desejando a nossa extinção, ou seja, a nossa própria morte? São paradoxos para os quais não se encontram respostas, fica tudo na suposição. Na verdade, o nosso inconsciente ainda não tem certeza dessa imortalidade do espírito. Procuramos as respostas para as nossas indagações através dos conhecimentos materiais, daí ferimos a natureza buscando explicações e destruimos a nós mesmos, com formas e conceitos doentios que nos levam ao caminho das incertezas.

De uma forma ou de outra, a morte nos assusta, porque significa não mais existir para esse mundo. Tudo isso nos preocupa: deixar familiares, amigos, perder a nossa própria vida. “Deus me livre de morrer!” Essa é a questão. Porém, tudo se desfaz e “o pó volta para a terra de onde veio, e o sopro vital retorna para Deus que o concedeu” (Ecl. 12,7). Afinal, de onde vem tanto medo? Talvez, porque não sabemos quem realmente somos de onde viemos e para onde vamos. Somente após a morte do nosso corpo é que podemos vivenciar outra realidade, caso ela exista. Porém, até o presente momento não se pode comprovar essa ou aquela possibilidade (a existência ou a inexistência de outra vida). Qualquer que seja a verdade, não temos certeza e, muito menos, consciência dela enquanto vivermos nesse mundo.

Até mesmo os espiritualistas dizem que, apesar de acreditarem na eternidade do espírito, quando a morte chega à sua família, sofrem e choram pela perda do ente querido. O apego exacerbado é o causador dessa dor, desse sofrimento. Sem a morte, não há vida; sem dor, não há vida. A dor pela perda é nada mais nada menos que a visita da morte à vida. Pensamos imaturamente que o nosso corpo nos pertence; na verdade, trata-se de um empréstimo e, como tal, um dia teremos que devolvê-lo à natureza, ao Universo. Preserve a sua existência enquanto pode, mas desapegue-se dos seus bens e das pessoas. Ame-as, mas flua como um rio e transcenda para uma nova vida.

Na sua trajetória, o rio sempre corre para o mar. É o seu fim... Por que não dizer, a sua morte? Hipoteticamente falando, será que ele não teme aquela imensidão de águas à sua frente, já que vai ser engolido e deixar de ser rio? Pode ser que sinta um medo tão grande diante do inevitável que, se pudesse, voltaria para a sua fonte. No entanto, isso é impossível de acontecer, ele não pode mais recuar. Corre diretamente para o desconhecido, e o que acontece com ele? Deixa de ser rio e se torna oceano. Que transformação maravilhosa!

Fazendo uma analogia com o reino vegetal, da mesma forma que o rio deixa de existir se entregando ao mar, uma semente quando semeada num terreno fértil, ela se transforma em trigo, milho ou qualquer outro tipo de planta, mas para isso é preciso que ela se entregue a natureza e morra para poder brotar da terra um vegetal de acordo com a sua essência. Nesses dois exemplos, contemplamos todo o processo transformador da criação. A causa é nobre.

Porém, o homem moderno, principalmente o ocidental, cria conceitos muito mais materiais do que espirituais na sua vida. O resultado é a ambição, o egoísmo, o apego pelos bens que possui, entre tantos outros defeitos que lhe causa infelicidade.

Existem pessoas que colocam dificuldades em tudo, e nada o preenche ou o agrada. Seu sonho é ter,

possuir tudo de bom e do melhor, e nada constrói. O tempo vai passando e as chances dele construir não são aproveitadas com as oportunidades; a ganância o deixa cego diante da realidade da vida. A velhice vai chegando e se aproxima o dia de sua morte, a angústia bate à sua porta, e o desespero invade o seu coração. Existe um completo vazio no seu interior, o medo de morrer passa a ser o seu companheiro cotidiano.

Por outro lado, há pessoas que na sua vida tudo acontece com certa facilidade, nada lhe falta. Mesmo assim, se torna infeliz por ter medo de um dia perder tudo o que construiu e o que ainda poderá construir. É um apego pelos bens materiais e por tudo que o cerca. Porém, pelo simples fato de pensar que um dia vai ter que morrer, entra em desespero. Nada sabe do desconhecido pode ser que não tenha a mesma mordomia que tem nesse mundo. Tudo é novidade, nada se conhece, tudo é mistério. O medo da morte é o seu autoflagelo. Ancoremo-nos, então, no que Jesus diz: “Quem tem apego à sua vida, vai perdê-la; quem despreza a sua vida neste mundo, vai conservá-la para a vida eterna” (Jo. 12,25).

O que se passa com a nossa sociedade? O que se pensa da vida? Temos meios de medir o IDH, QI, IDEB, entre tantos outros, mas não se mede a felicidade em sua plenitude. Por que não se consegue medi-la? Talvez, porque o homem esteja centrado nos bens materiais, no poder aquisitivo, no poder de compra, no poder em poder. Esquece-se de que a essência e a razão da sua existência é o espírito. Se nos conscientizarmos de que tudo aqui é passageiro, a nossa conduta mudará. Pensando assim, não há motivo para tanto sofrimento, principalmente, se cremos em um princípio criador ao qual nossa vida pertence e que um dia teremos que devolvê-la sem nenhum questionamento.

No diálogo de Jesus com Nicodemos (Jo 3, 3-7), fica muito claro que para se ter uma nova vida, a antiga tem que morrer. É como o barro nas mãos do oleiro: quebrou-se o vaso velho, o oleiro faz um vaso novo. O vaso é novo, mas o barro é o mesmo. Daí, conclui-se que para se tornar um novo homem, o homem velho tem que morrer; para se tornar um bom maçom, o profano tem que morrer para os instintos egoístas. Para isso não precisa sair do ventre da mãe mais uma vez.

Para surgir uma nova árvore, a semente necessita morrer; para vivenciarmos a paz, a guerra não pode existir; para vivermos num completo estágio de amor, o ódio tem que desaparecer do nosso interior. Isso é renascer, ser um novo homem, nascer do alto, conhecer o Reino de Deus, o Nirvana a que Sidarta se referiu. Toda a existência está alicerçada entre a vida e a morte.

Somos filhos e filhas da Terra, ou seja, somos a própria Terra. Por isso a origem da palavra homem assim como humano vem de húmus, que significa filhos da terra fértil, como também, bíblicamente somos originários de

Adão que vem de Adamar que, em hebraico, quer dizer filhos e filhas da terra fecunda. Sendo assim, somos originalmente do pó e ao pó retornaremos, não precisamos temer essa verdade.

A MORTE, UMA QUESTÃO DE CULTURA

Para os materialistas, principalmente, os ocidentais, morrer significa o fim de tudo. Muitos não conseguem entender essa realidade e buscam a todo custo fugir da morte. Dai, criam um apego exacerbado pela vida, que só faz sofrer todo aquele que segue por esse caminho. Perder tudo o que possuem, o seu conforto pessoal, deixar familiares e etc., gera um desconforto muito grande que vai aumentando à medida que chega a velhice. É um suplício.

No entanto, há povos que em sua cultura, a morte é uma consequência e não o fim de tudo. É um completo desapego pela vida. Até mesmo porque acreditam que morrer é um renascer. Envelhecer para eles é o ápice da sabedoria; fase da sua existência em que os mais jovens lhes têm admiração e total atenção, não sendo, portanto, um completo estado de invalidez.

Já a velhice para os esquimós era/é um peso que a família devia descartar. Muitas vezes, a morte dos mais velhos era provocada pelos jovens, sem demonstrarem nenhum remorso. Ou então, quando os idosos não podiam mais andar, eles eram abandonados em algum lugar, para serem devorados pelo urso polar. Falaremos melhor mais adiante.

Na Idade Média e até mesmo antes dela, quando os guerreiros morriam no campo de batalha era a glória. Morrendo diante do seu inimigo, seria a concretização da sua coragem. Ao mesmo tempo, sobreviver dos conflitos travados vencendo o seu opositor, era um ato de bravura; a glória alcançada; um orgulho para o seu nome.

Dependendo dos hábitos culturais, no caso dos samurais, morrer em defesa da própria honra através do suicídio, seria como lavar o espírito da vergonha sofrida, um purificar da alma. Com esse ato suicida demonstravam o seu ato de coragem, sarando o orgulho ferido. Ou então, morrer espontaneamente, para os esquimós, não passava de uma obrigação pela sua invalidez diante da comunidade. Tanto no primeiro caso, como no segundo, percebe-se que a morte lhes era muito peculiar, como se fosse apenas um trocar de roupas.

Seppuku ou Harakiri



Os samurais, guerreiros medievais japoneses, serviam durante toda a vida a um só senhor, nesse caso ao xogum. Quando uma falta, diante do chefe, não era tão grave, sentiam-se muito mal e pediam inúmeras desculpas e perdões, como forma de demonstrarem o sincero arrependimento. Porém, se a sua infração era praticamente imperdoável, eles não encontravam outro modo de se desculparem senão através da morte, para recuperar a honra perdida com esse ato de coragem, praticando o seppuku (harakiri).

Há registro de que o primeiro seppuku (haraquiri) foi feito no ano de 1170, pelo samurai Minamoto Tametomo, que se suicidou sobre sua própria espada, depois de ser derrotado por uma clã inimiga. O último registro dessa prática aconteceu em 1970 pelo grande escritor japonês Yukio Mishima, três vezes indicado ao prêmio Nobel de literatura.

O que levava esses bravos e destemidos guerreiros a cometerem o suicídio? Diz um ditado samurai: “Perca a honra e a vida também estará perdida.” Para eles um homem sem honra era um homem morto, nada mais tinha significado para continuar vivendo. Não havia outra maneira de lavar a sua vergonha pelo fracasso, a não ser com a própria morte, através da prática do haraquiri (cortar a barriga) termo vulgar ao se referir ao seppuku (cortar o ventre), expressão mais nobre para esse tipo de autocídio.

Eles acreditavam que cortando o ventre, estavam abrindo a janela da alma deixando passar através do corte a mais profunda e íntima sinceridade. Com essa prática, demonstravam que exprimiam a mais sincera lealdade ao seu senhor. Isto é, queriam dizer que é nas entranhas que se esgota e encerra a última verdade do ser. No entanto, o ato final do suicídio através do seppuku não era a morte, mas sim de provar a sua lealdade e coragem diante do fracasso, que a sua derrota não foi por covardia ou por temor a própria morte. Antes morrer do que a desonra, principalmente nas lutas travadas no campo de batalha, esse era o lema dos samurais.

Nessa prática de suicídio não há nenhum registro de medo ao encarar a morte com as próprias mãos, que se diga de passagem, é muito dolorosa. A expressão de dor era controlada até o último suspiro quando se caía no

chão, inerte e sem vida. Muitas vezes, nesse caso, a morte era abreviada pelo kaishakunin com um golpe de misericórdia.

Para o maçom, o seppuku acontece quando ele morre para o mundo profano. É um suicídio cometido quando diz sim à maçonaria, ao afirmar que veio para vencer as suas paixões e submeter a sua vontade. Ai está expressa a sua morte, ao anular os seus instintos egoístas, procurando, doravante, ser um novo homem.

Kamikaze



Kamikaze significa vento de Deus em japonês. Ficou conhecido após tornar-se o nome de um tufão, que dizem ter salvado o Japão de ser invadido por um exército de um conquistador do Império Mongol no ano de 1281.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o vice-almirante Takijiro Onischi, vice chefe do Estado Maior Geral da Marinha japonesa, criou as operações kamikaze, com a formação de unidades de ataques suicidas, por aviadores militares do Império Japonês contra navios aliados, para destruir o maior número possível de embarcações de guerra, ao custo de perder a sua própria vida.

Os kamikazes eram jovens pilotos destemidos. Tinham a cultura de que a derrota ou o fracasso em sua missão era motivo de desonra, daí preferir a própria morte arremessando seus aviões contra os navios inimigos. Uma vez desferido o ataque mortal era praticamente impossível a sua sobrevivência e da sua tripulação, quando fosse o caso.

O que significava a morte para esses pilotos militares? Qual o valor da vida para todos eles? A essas perguntas não se sabe dar respostas concretas. Sabe-se apenas que morrer pela honra valia muito mais que a própria vida, quando ela era manchada pela vergonha do fracasso. Então, nesse caso, praticar o suicídio para evitar a desonra da derrota, talvez, tivesse o mesmo significado de renascer para uma nova vida. Assim eles acreditavam. Dentro desse conceito qual o motivo de temer a morte? Com certeza nenhum era encontrado.

Na cultura dos samurais, o ato de morrer pela honra ferida, ou diante de uma vergonha sofrida por uma derrota militar, o suicídio era uma prática, que colocava

em prova toda a bravura do guerreiro, por sentir-se envergonhado pelo fracasso de sua missão. Assim, também, podemos analisar os destemidos kamikazes, que não temiam a própria morte no campo de batalha, praticando da sua forma o seppuku/haraquiri, o suicídio espontâneo.

Nesse caso, morrer em nome da honra, vale muito mais que viver com a desonra e a vergonha por não atingir o seu objetivo. Quando o homem perde a sua dignidade, perde também com ele a própria vida. Essa era a compreensão daqueles bravos guerreiros. Nesse contexto, a morte é efêmera, e a vida passa a ter uma conotação diferente da nossa cultura ocidental.

Cultura dos Esquimós



Na cultura dos esquimós, a pessoa idosa torna-se um peso para a família por não ser mais produtiva. Os velhos são vistos como um fardo a serem carregados. Sem forças para caçar e/ou pescar não conseguem o próprio sustento e nem contribuem para a alimentação da comunidade.

Quando chegavam nesse estágio da vida, é/era costume os filhos darem uma manta aos pais, como sinal, para que eles se entregassem a própria sorte. Então, normalmente, à noite, saiam de casa e se colocavam em local onde pudesse ser devorados por um urso polar. Ou então, quando eles estavam incapacitados de andar, serem deixados por algum familiar, em ponto de convergência, entregues a própria sorte, ou seja, condenados à própria morte.

Ainda com relação à velhice, outros costumes são apontados aos esquimós: se numa viagem uma pessoa idosa, por falta de forças, demorava mais que o necessário para realizar um determinado percurso no transcórre da viagem, ela se afastava voluntariamente do grupo para morrer – esta prática ficou conhecida como eutanásia altruísta.

Era comum entres os Kutchin (esquimós que vivem até hoje na região do Alasca), os idosos pedirem para seus familiares que os matassem, por se considerarem inúteis e serem um peso para a comunidade em que viviam. Sendo uma questão de sobrevivência, os jovens obedeciam a esse pedido dos mais velhos e, com um ano

depois, eles celebravam uma cerimônia para lembrarem-se dos mortos, tudo acontecia com muita naturalidade e sem grandes lamentações ou remorsos.

O que significa a morte para esse povo nômade, que vive numa região completamente inóspita? Morrer para eles é uma questão de sobrevivência para seus descendentes. Ou seja, os mais velhos servem de alimento para os ursos polares, e estes alimentam os filhos e netos de suas vítimas, além de fornecerem, também, a sua pele como proteção contra o frio. Nesse tipo de conduta dos esquimós, há uma completa entrega sem nenhum resquício de medo ou de apego pela vida. Nada mais justo quando se tem em mente de que o seu sacrifício é para dar oportunidades para aqueles que ainda são jovens.

Ainda de acordo com suas crenças, seus filhos são a reencarnação dos seus antepassados, daí as crianças serem muito importantes para os esquimós. Quando se tornam adultos, depois de sua morte, a alma continua a viver da mesma maneira como quando a pessoa estava viva. Nesse caso, não há motivo para temer o desconhecido, se tudo é uma questão de renascer. Nesse contexto, não existe razão para ter medo.

EM BUSCA DA VERDADE

“O que é oposto à morte?... É o nascimento, pois a Vida é eterna!”

Sidarta Gautama, o Buda (563-483 a.C.).

Na história da humanidade não se conhece um só caso de pessoas iluminadas terem medo da morte. Há, sim, registros históricos e bíblicos ou em outros livros sagrados de acordo com a crença de cada um, de homens que enfrentaram a morte sem a temerem.

Há, também, casos de um completo abandono de tudo o que possuíam, para seguirem uma vida regrada em busca da verdade absoluta, ou naquilo que acreditavam que os levassem à felicidade eterna, em um completo estado de pobreza. Dentre os mais conhecidos, pode-se destacar Jesus Cristo, Madre Tereza de Calcutá e Francisco de Assis, entre outros, para os cristãos, Sidarta Gautama (Buda) para os budistas, Mahatma Gandhi para os indianos.

Não quero aqui entrar no mérito da divindade, no ser ou não ser, no acreditar ou não nas questões religiosas de cada um, quer seja cristão, budista, hinduísta, xintoísta, espírita ou qualquer religião que se professe. Mas, sim, tomando como exemplo a vida de Sidarta e Jesus, e refletir no porque deles enfrentarem a morte sem a temerem, sem questioná-la.

Sidarta Gautama



Sidarta Gautama foi um príncipe hindu que viveu aproximadamente há quinhentos anos antes de Cristo. Vivia no luxo e na riqueza que lhe era proporcionada pelo seu pai. Apesar de tudo isso, ele se sentiu infeliz. O pai não lhe deixava sair além das muralhas do palácio, privando-o de certo modo, de conhecer a vida exterior, além dos limites palacianos.

Certo dia, sem o consentimento do pai, ele saiu para passear fora do palácio e se surpreendeu com quatro cenas que o chocaram profundamente. Primeiro, viu um velho corcunda, de pele enrugada, movendo-se com dificuldade (a velhice). Segundo, avistou um homem com terríveis dores (a doença). Terceiro, deparou-se com um cortejo fúnebre. Um morto sendo carregado por amigos e parentes que choravam sua perda (a morte).

Para ele, tudo isso era novidade, até mesmo porque o seu pai nunca tinha lhe ensinado essas coisas. Talvez, para que ele não tomasse conhecimento, evitando-lhe dessa forma algum trauma ou sofrimento precoce. Foi um choque muito grande para um jovem de vinte e cinco anos de idade, que tinha sido protegido durante toda a sua vida, sem saber que tudo o que nasce, também se degenera, envelhece e morre. A quarta visão do passeio de Sidarta foi um mendigo errante, esmolando por comida (a pobreza).

Determinado a encontrar uma resposta para o sofrimento que viu no mundo exterior ao palácio, deixou sua família e o luxo em que vivia, e passou a mendigar, jejuar e a meditar, na tentativa de conhecer mais profundamente o sentido da vida. Foi em busca da verdade, da iluminação, do Nirvana.

A peregrinação

Aos vinte e nove anos de idade, Sidarta começa a sua vida de peregrinação e mendicância, deixando o luxo pela pobreza absoluta. Durante seis anos, ele e seus seguidores viveram na floresta em completo isolamento. Mudou o seu hábito alimentar, jejuou, passando a comer a cada quinze dias. Fez várias experiências analisando certas emoções que, para eliminá-las completamente do seu interior, teria que ser observadas com profunda interioridade.

Para analisar o medo, passava noites deitado entre cadáveres e esqueletos num cemitério. Mesmo assim não conseguiu chegar a nenhuma conclusão. Abandonou a prática de jejuar quando estava esquelético. Essa experiência provou para ele, que a autoflagelação enfraquece o corpo e a mente em vez de fortalecê-los.

Um dia, Sidarta observa um barco que passava e ouviu um velho músico que falava para um aluno: “Se você esticar muito a corda, ela rebenta. E se deixá-la muito frouxa ela não tocará.” Sidarta, ao ouvir esse ensinamento, entendeu perfeitamente a verdade que estava por trás daquelas palavras, aprendeu que, durante os seis anos de reclusão na floresta, tinha seguido o caminho errado para alcançar a iluminação.

Debilitado pelo jejum, segue cambaleante até o rio, toma um pouco de água em suas mãos, em seguida, se banha. Aparece, então, uma moça que lhe oferece sua tigela de arroz. Pela primeira vez depois de seis anos, ele se alimenta satisfatoriamente. Quando seus seguidores veem aquela cena, se sentiram enganados, como se Sidarta os tivesse traído e abandonado a grande busca pela iluminação.

Sidarta tenta convencê-los, convidando-os a se banharem no rio e a se alimentarem com ele:

- Venham e comam comigo.

- Você traiu seus votos, Sidarta. Você abandonou a busca. Não podemos mais segui-lo. Nós não podemos mais aprender com você.

- Aprender é mudar. O caminho para a iluminação é o caminho do meio. É a linha entre todos os extremos opostos. (O caminho que depois ele ensinaria aos seus discípulos).

Mas, esse breve diálogo não surtiu efeito. Seus seguidores o abandonaram. Então Sidarta sentou-se ao pé de uma figueira e jurou que não se levantaria dali enquanto não encontrasse a verdade. Porém, O grande tentador, Mara (demônio – deus indiano da morte), estremeceu de preocupação, ao perceber que perderia todo o domínio sobre as fraquezas humanas, caso Sidarta alcançasse a iluminação.

A iluminação

Na tentativa de impedir o intuito de Sidarta, Mara o tenta por três vezes. Primeiro envia suas filhas como belíssimas mulheres para seduzi-lo. Não obteve sucesso. Segundo, passou a gerar na mente dele, ilusões de grande número de exércitos de demônios, para tirá-lo de sua meditação. Também, não obteve sucesso. Por fim, tentou seduzi-lo atacando o seu EGO enquanto falava: “Quem pensa que és para atingir a iluminação? Quem é tua testemunha?” Em silêncio, Sidarta põe a sua mão direita na terra, que estremeceu e gritou com todas as suas forças: Eu sou tua testemunha.

Não havia nuvens no céu, no entanto, começou a chover em resposta à sua conquista, a iluminação. Para protegê-lo dos pingos da chuva, uma serpente coloca-se por trás dele e o encobre, para que não fosse quebrada a sua meditação. Finalmente numa lua cheia do mês de dezembro (para alguns era o mês de maio), após quarenta e nove dias de meditação e aos trinta e cinco anos de idade, Sidarta alcança, então, a iluminação espiritual.

Passou a compreender as causas do sofrimento humano: a ignorância, a inveja, o orgulho, o ódio entre tantos outros defeitos espirituais. Segundo ele, anulando esses estados aflitivos, o ser humano alcança o Nirvana, que é o clímax da paz espiritual, livre de todo sofrimento. O homem, então, passa a entender que ele faz parte da criação. Depois disso, Sidarta reencontra seus velhos amigos que o seguem, agora, como discípulos, para ensinar o caminho da iluminação.

Aos oitenta anos de idade, Sidarta adoece de diarreia, por ter comido carne de porco estragada. Sendo sabedor que tinha chegado a sua hora, retira-se para um local sossegado deita-se na posição de leão, ladeado pelos seus discípulos, sem nenhuma expressão de ansiedade ou de medo entrega-se à morte sem nenhum questionamento. As últimas palavras dele foram: “Tudo o que foi criado está sujeito à decadência e à morte. Tudo é impermanente. Trabalhem duro pela própria salvação com atenção plena, esforço e disciplina.”

O que realmente aconteceu com Sidarta Gautama durante o período que passou isolado do mundo em completa meditação? Ninguém sabe e nem ele mesmo contou para alguém com detalhes toda a sua trajetória, para alcançar a sua iluminação em busca da verdade. Conta-se 12 ou 15 luas como o tempo necessário para que ele alcançasse o Nirvana. Mas, a interioridade dele durante todo esse tempo transcorrido, foi de puro isolamento do mundo exterior, de completa solidão, principalmente nos últimos 49 dias.

Encontrar as causas do sofrimento humano foi para ele um sonho a se realizar. Tomar conhecimento da velhice, da doença, da morte e o estado profundo de pobreza foi determinante para que ele se recolhesse de todos que o cercavam, vivendo como um mendigo. Conheceu o sofrimento, a fome, adoeceu chegando quase à morte e não chegou a compreender o que ocasionava tudo isso. Talvez, por estar, ainda, preso ao exterior, ao material, aos efeitos e não às causas de todos esses estados aflitivos do ser humano.

Foram muitos os caminhos percorridos. Conheceu mestres que não o levaram a nada, que lhe ensinasse o caminho da verdade (iluminação), que não lhe ajudaram na busca incessante da completa compreensão das causas do sofrimento humano. Até mesmo porque, ele

não conhecia nada disso quando vivia no palácio, tudo foi escondido para que ele não soubesse que a vida do ser humano passa por esses estágios de sofrimento que o leva até a morte.

Um pouco antes de deixar esta terra, Buda (Sidarta) fez uma grande promessa para seus seguidores, que estavam temerosos que sua causa fosse extingui-se gradualmente. Disse ele:

"Não sou o primeiro Buda que existiu na terra, nem serei o último. No tempo devido outro Buda levantar-se-á no mundo, um santo, um ser divinamente iluminado, dotado de sabedoria em sua conduta, benigno, conhecendo o universo, um líder incomparável dos homens, um mestre dos anjos e dos mortais. Ele vos revelará as mesmas verdades eternas que vos ensinei. Ele vos pregará esta religião, gloriosa em sua origem, gloriosa em seu clímax, gloriosa em seus objetivos, tanto no espírito como na forma. Ele proclamará uma vida religiosa tão pura e perfeita como a que agora proclamo. Seus discípulos serão contados em milhares, enquanto que os meus contam-se em centenas." (Ponto de Encontro das Religiões – Buda - www.bahai.org.br/religiao/buda.htm).

Esta promessa trouxe aos budistas a esperança de que não seriam deixados sozinhos na terra, mas que receberiam a luz orientadora de outro glorioso Buda. Buda está agora regozijado em sua morada eterna, porque vê sua gloriosa promessa cumprida em Bahá'ú'lláh - a Glória de Deus.

REINO DOS CÉUS (O REINO DE DEUS)

Todos nós, cristãos, esperamos um dia alcançar o Reino de Deus, a felicidade eterna. Nesse pensamento nos deparamos diante de uma questão que é peculiar: o que fazer para ser feliz e alcançar a salvação? Trabalhar ao máximo e economizar para comprar o que nos satisfaz, só assim seremos felizes. Talvez nem seja. Pode ser que essa conduta nos leve a uma completa infelicidade, afastando o nosso Pai Celestial do nosso interior, pelas atitudes voltadas para o material, esquecendo-nos de que a completa felicidade não necessariamente tenha que passar pelo poder aquisitivo, pelo poder de compra, pelo poder em poder.

O estado de pobreza que Sidarta escolheu para si, assim como a condição de Jesus por ser pobre, desde a sua origem até a morte, não evitou que ambos alcançassem o que desejavam: o Nirvana para Sidarta, o Reino de Deus (Reino dos Céus) para Jesus.

Observem que para alcançar a paz interior, tanto Sidarta como Jesus passaram, ao seu modo, por um deserto, onde alcançaram a elevação espiritual. Ambos venceram os estados aflitivos, ou seja, os instintos egoístas para os cristãos. Diante desses dois exemplos de vida, verifica-se um completo abandono interior, porque

não dizer: uma completa entrega ao divino, tornando-se homens de exemplo a serem seguidos.

Jesus Cristo



Nenhum evangelista relata com profundo detalhe a vida de Jesus, desde o seu nascimento até a sua morte e ressurreição. Em Lucas, encontramos como se deu a concepção de Maria. Mateus relata a perseguição imposta por Herodes, a fuga para o Egito e a sua ida para Nazaré. Daí por diante, tudo é mistério. Só encontramos algo sobre Ele, com a idade de doze anos, quando fez uma peregrinação com seus pais, à Jerusalém, no período da páscoa, quando se perdeu. A partir daí até os trinta anos de idade nada se sabe.

Há indícios que durante todo esse tempo até completar trinta anos, Jesus estava em Séforas, uma próspera cidade ao norte de Jerusalém, ajudando seu pai, no ofício da carpintaria. Também se fala que Ele poderia estar com os essênios, próximo ao mar Morto, aprendendo todos os ensinamentos espirituais daquele povo. Porém, não há nada de concreto.

Jesus reaparece nos evangelhos aos trinta anos, quando vai ao deserto e lá passa quarenta dias e quarenta noites. O relato durante todo esse tempo do seu isolamento é muito pobre: apenas se fala que Ele foi tentado pelo diabo por três vezes. Fora isso nada mais é relatado. O que aconteceu com Jesus durante todo esse tempo? É um profundo mistério para todos os cristãos. Não há nenhum questionamento sobre esse fato acontecido na vida Dele, apenas nos limitamos ao que está escrito nas três tentações.

Como Mateus, Marcos e Lucas tiveram acesso a essas tentações, se Jesus estava isolado de tudo e de todos? Só ocorreram esses fatos com Ele? Provavelmente não. Com certeza, durante toda a sua peregrinação com os discípulos, Jesus deve ter relatado o que lhe tinha acontecido quando esteve no deserto, mas os evangelistas se limitaram apenas a relatar as três investidas do diabo. Talvez, não tenham dado a devida importância aos fatos subjacentes às tribulações sofridas, que levaram Cristo a compreender a missão que o Pai lhe reservara.

Mesmo sendo o filho unigênito, o primogênito, foi necessário passar pelo que passou para compreender melhor os desígnios do Pai. Sofrer na própria pele,

prematuramente, toda a solidão e tentações humanas, para assim entender o que iria enfrentar em breve. Foi um longo processo de meditação interior em busca de Deus. Foi uma entrega, um abandono nas mãos do Criador, resolutamente, num faça-se o que Tu queres e não o que eu quero. Foi uma entrega do amor para o Amor.

Por que Jesus teve que se isolar por quarenta dias e quarenta noites? Talvez porque Ele na sua condição humana tivesse que se sentir como tal, experimentando na própria pele o sofrimento e o medo, a fim de compreender melhor os instintos egoístas (estados aflitivos), que escravizam e conduzem o ser humano à morte. Ele era um homem de carne e osso não se pode esquecer isso. Portanto, precisava conhecer melhor as fraquezas da carne, para então se fortalecer na sua essência divina. Por isso teve que passar pelo deserto, jejuando, meditando e sendo tentado.

As tentações começam quando Jesus está frágil devido ao jejum. Ele experimentou as mesmas reações que Sidarta tinha experimentado: a autoflagelação que enfraquece o corpo e a mente. Daí o ser humano fica vulnerável e afloram os instintos egoístas (estados aflitivos do ser humano).

Primeira tentação: Então, o tentador se aproximou e disse a Jesus: “Se tu és Filho de Deus, manda que essas pedras se tornem pães!” Mas Jesus respondeu: “A Escritura diz: Não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Mt. 4, 3-4). Com sua reação à essa tentação Jesus nos ensina que não devemos ficar desesperados nos momentos difíceis com que muitas vezes nos deparamos. Devemos sempre lembrar que o alimento que sustenta o nosso espírito é a palavra que vem do nosso Pai Celestial. Se assim acreditamos, não devemos nos preocupar com as tribulações, a nossa condição de hoje é passageira e amanhã será um novo dia, pois Ele nos dará a solução nesses momentos de aflição. Assim, Cristo nos dá um norte dessa verdade quando diz de uma maneira muito sutil: O meu Pai te dará de comer e de beber, não te entregues ao desespero cedendo à tentação humana.

Segunda tentação: “Então, o diabo levou Jesus à Cidade Santa, colocou-o na parte mais alta do Templo.” E lhe disse: “Se tu és Filho de Deus, joga-te para baixo! Porque a Escritura diz: Deus ordenará aos seus anjos a teu respeito, e eles te levarão nas mãos, para que não tropeces em nenhuma pedra.” Jesus respondeu-lhe: “A Escritura também diz: Não tente o Senhor seu Deus” (Mt. 4, 5-7). Na segunda tentação Jesus vence toda a vaidade do poder. Na condição de Filho de Deus, Ele poderia tornar-se vaidoso e pedir ao Pai que satisfizesse aqueles desejos propostos pelo tentador só para provar a sua fé e a sua condição divina. Mas, não o fez.

Portanto, Deus não pode ficar debaixo dos nossos pés atendendo os nossos desejos, nossos caprichos, nossas vaidades. Ele não realiza desejos em condições. Deus é o infinito AMOR, a quem devemos sempre orar e entender que tudo tem que ser feito de acordo com a Sua infinita e divina vontade e não de acordo com o nosso querer, que enaltecem o EGO humano. Tudo é regido por Ele. Nada se realiza sem o Seu consentimento, sem a Sua vontade.

Terceira tentação: O diabo tornou a levar Jesus, agora para um monte muito alto. Mostrou-lhe todos os reinos do mundo e suas riquezas. E lhe disse: “Eu te darei tudo isso, se te ajoelhares diante de mim, para me adorar.” Jesus disse-lhe: “Vá embora, Satanás, porque a Escritura diz: Você adorará ao Senhor seu Deus e somente a Ele servirá. Então o diabo o deixou. E os anjos de Deus se aproximaram e serviram a Jesus” (Mt.4, 8-11). Nessa tentação Jesus vence a ambição e a ostentação que o poder condiciona ao homem.

Muitas vezes os afortunados se esquecem de Deus e se ajoelham aos caprichos da ostentação humana, do luxo, do poder e da ganância que o dinheiro proporciona, até o ponto da avareza. No momento em que damos as costas para o nosso Pai Celestial, estamos dando a nossa frente para o tentador. Jesus nos alerta para não deixarmos nos conduzir pela riqueza, como se tudo se resumisse ao que o poder nos proporciona. Não devemos nos comportar cedendo aos instintos humanos. Cuidado com o deus dinheiro!

Deus não pode entrar nos castelos levantados sobre dinheiro, poder e glória. Quando tudo dá certo na vida, o homem tende insensivelmente a concentrar-se em si mesmo; grande desgraça porque se apodera dele o medo de perder tudo, e vive ansioso, sentindo-se infeliz. Para o homem, a desinstalação é justamente a salvação. (Larrañaga, 2004, p. 15).

Jesus é a nossa infinita riqueza doada pelo Pai. Deus concede a justa medida para cada um de nós. Não devemos cultua-Lo pensando em riqueza. Isso é idolatria, uma abominação, uma afronta. Muitos esquecem que Ele existe, e vão à procura de falsos deuses para satisfazer os seus desejos. A paz interior, a tranquilidade de espírito, o amor infinito que transborda sobre nós são as maiores riquezas que um ser humano pode desejar.

Dessa forma, Jesus vence todos os instintos egoístas (estados aflitivos) e sai do deserto para pregar o que aprendera, o que lhe fora revelado, levando para toda a humanidade a iluminação e o amor de Deus para toda a criatura que Nele crê. Nós cristãos devemos nos concentrar nos ensinamentos do evangelho, para que tomemos consciência da fortaleza que devemos ser diante das tentações que, vez por outra, nos cercam e nos metem medo, inclusive da morte.

Durante os três anos que lhes restavam de vida, Jesus passou a ensinar a boa nova (o evangelho), como o único caminho para a vida eterna, o Reino dos Céus. Ensinou a perdoar, curou, abençoou, expulsou demônios, ressuscitou o amigo Lázaro. Disse ainda: Ama ao Senhor teu Deus sobre todas as coisas; Honrar pai e mãe; Ama o teu próximo como a ti mesmo. É no segmento do amor que conhecemos a felicidade absoluta, eliminando de nossas vidas os instintos egoístas (estados aflitivos a que se referiu Sidarta), que nos causa todo o sofrimento.

O apóstolo Paulo nos dá um norte do significado dos instintos egoístas e da sua causa.

Irmãos, vocês foram chamados para serem livres. Que essa liberdade, porém, não se torne desculpa para vocês viverem satisfazendo os instintos egoístas. Pelo contrário, coloquem-se a serviço uns dos outros através do amor... Por isso é que lhes digo: Vivam segundo o espírito, e assim não farão mais o que os instintos egoístas desejam. Porque os instintos egoístas têm desejos que estão contra o Espírito, e o Espírito contra os instintos egoístas; os dois estão em conflito, de modo que vocês não fazem o que querem... as obras dos instintos egoístas são bem conhecidas: fornicação, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, ódio, discórdia, ciúme, ira, rivalidade, divisão, sectarismo, inveja, bebedeira, orgias e outras coisas semelhantes. Repito o que já disse: os que fazem tais coisas não herdarão o Reino de Deus. Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, bondade, benevolência, fé, mansidão e domínio de si. ... Os que pertencem a Cristo crucificaram os instintos egoístas junto com suas paixões e desejos. Se vivemos pelo Espírito, caminhamos também sob o impulso do Espírito. Não sejamos ambiciosos de glória, provocando-nos mutuamente e tendo inveja uns dos outros (Gl 5, 13-26).

Vencendo a Morte

No Getsêmane, Jesus cai por terra, suava frio, com lágrimas nos olhos, aflito implora: “Meu Pai, se é possível afasta de mim este cálice. Contudo, não seja feito como eu quero, e sim como tu queres” (Mt. 26,39). A angústia de Jesus era patente, mas Ele não entrou em desespero. Há uma entrega, um autocontrole. Volta e diz aos seus discípulos, vigiem e orem. Isso acontece por três vezes. Essa passagem bíblica nos leva a crer que Jesus busca serenidade diante do que viria a acontecer. Buscou refúgio no Pai nesse momento de pura aflição sem entrar em desespero, sem deixar que o medo tomasse conta de sua alma e contaminasse a pureza do seu espírito. Para cumprir o que estava escrito, responde: “Que seja feita a tua vontade e não a minha.”

Durante toda a sua peregrinação, Jesus segue o seu destino sem demonstrar qualquer dúvida ou medo, mesmo diante do inevitável. Várias foram as oportunidades que Ele teve para fugir e não o fez. Em (Mt.

16, 21-23) encontramos: “..., e sofrer muito da parte dos anciãos, dos chefes dos sacerdotes e dos doutores da Lei, e que devia ser morto e ressuscitar ao terceiro dia. Então Pedro levou Jesus para um lado e o repreendeu...! Jesus, porém, voltou-se para Pedro, e disse: Fique longe de mim, Satanás! Você é uma pedra de tropeço para mim, porque não pensa as coisas de Deus, mas as coisas dos homens!”

No Getsêmane, Ele, mais uma vez, teve a oportunidade de fugir do seu destino, mas não o fez. Esperou resoluto pelo momento em que seria entregue, sem demonstrar qualquer medo, abandonando-se a si mesmo, nos braços do Pai.

Que tudo seja feito de acordo com a vontade do Pai Celestial e não a nossa vontade. Temos que ter coragem para enfrentar as vicissitudes da vida, as tribulações, procurando vencer os estados aflitivos, os instintos egoístas e a própria morte.

A VIDA E A MORTE PARA A MAÇONARIA



“Ninguém pode ser reconhecido como maçom enquanto continuar servo das paixões, escravo das suas crenças e cego pelos bens desse mundo.” Jean Mourgues.

Nenhum maçom pode vencer a morte se não desbastar a pedra bruta que há em si, ou seja, se ele não sepultar os estados aflitivos, os instintos egoístas. Para isso, terá que morrer para o mundo profano. A compreensão do desbastar a pedra bruta significa lapidar-se; brilhar; fazer com que aflore dentro de si os dons do espírito que estão adormecidos e sem brilho, ocasionados pelo egoísmo, pelo orgulho, pela ambição e por tantos outros defeitos, que o leva a temer a morte sem que perceba.

Todos os maçons aprendem a desbastar a pedra bruta usando o maço e o cinzel, mas não compreendem que devem ir além desse gesto que há em cada iniciação de um profano. Precisa-se trabalhar o seu interior no significado do VITRIOL, na compreensão do lapidar até fazer brilhar o diamante que há em cada um de nós. Que essa lapidação não seja só um gesto simbólico, mas uma busca incessante pelo brilho da alma, aflorando do seu interior o amor, o perdão, a humildade, a mansidão, a serenidade, a tolerância, entre tantas outras virtudes que emanam de dentro de si, fazendo dele um homem polido e virtuoso.

Como já foi dito anteriormente, o medo da morte é causado pelo apego incontável do homem pela vida, pelos bens materiais, esquecendo-se ele de que nada se leva, ou seja, tudo o que construiu nesse mundo fica, nada é dele, nada lhe pertence. Nasceu nu e nu voltará. Veio do pó e ao pó retornará. O que se leva são as suas boas ações, as virtudes, os dons do espírito, tornando-o um homem de paz e de luz.

Na Maçonaria, aceitar a morte não é difícil, pois nela se procura desenvolver o homem espiritual que existe dentro de cada um. Isso torna as coisas mais fáceis, mais doces; leva o maçom a tornar-se mais tenro, tolerante e amável. A cada iniciação, o maçom morre simbolicamente para uma situação anterior, de modo que possa viver uma nova vida num nível mais elevado dali em diante.

Tem que haver resignação para aceitar a morte como algo natural, e deduzir dessa experiência a importância de aprender a morrer em paz, procurando viver sempre melhor. Tal desenvolvimento afasta o maçom do costume de escamoteá-la, diante da dificuldade que ele sente em lidar com essa realidade: ter que morrer um dia. Assim, ele se aproxima mais da possibilidade de incrementar a capacidade de lidar com a vida, ajudando-o a discernir pela sua elevação espiritual.

Caso todos os maçons compreendessem essa verdade, muitos perderiam o medo da morte. Entenderiam que ela é uma consequência da vida. Essa fobia está exatamente na perda da vida e de não mais existir para esse mundo, deixando de usufruir de todos os bens materiais que possuem. Só em pensar que um dia vai morrer causa-lhe sofrimento.

De que adianta todo esse medo? Parece até que podemos evitá-la como se evita uma doença através de uma vacinação preventiva. Nada é preventivo para a morte, meus irmãos, um dia ela nos vencerá. Então, devemos estar sempre preparados para esse fatídico dia, sem nenhum temor e sem angustiar o nosso coração.

É bem verdade que devemos preservar a vida enquanto podemos. Mas, é um erro crasso preservá-la pensando que nunca vamos morrer. Ora, o tempo é cruel para o nosso corpo e a nossa mente. Ele se encarrega de nos avisar, através da debilitação corporal e mental, de que está chegando a hora.

Portanto, prepare-se, goze da sua saúde, da sua juventude com toda lucidez possível e viva enquanto vida você tem. Viva bem e em paz consigo mesmo. Sepulte todos os estados aflitivos a que Sidarta se referiu, todos os instintos egoístas de que o apóstolo Paulo nos fala, e seja um homem livre, e de bons costumes, sem medo da morte.

Ao meditarmos sobre a nossa existência na câmara de reflexão, isolado de todo o contato mundano,

fazemos uma viagem profundamente introspectiva ao nosso interior, buscando encontrar a lápide oculta, ou seja, a busca pela pedra filosofal, eis aí o início da praticidade do VITRIOL na vida maçônica.

Em (João 12, 24), Jesus fala o seguinte: “Eu garanto a vocês: se o grão de trigo não cai na terra e não morre, fica sozinho. Mas se morre, produz muito fruto.” Ao ser lançado na terra, o grão de trigo tem que germinar, abrindo o caminho para a luz; para uma nova vida. Nessa concepção, devemos entender que, ao superarmos a prova da terra, descemos ao seu interior. Entendemos, também, que devemos retificar a nossa forma de ver, pensar e agir, Só assim encontraremos a pedra filosofal, essencial na nossa própria transmutação.

Portanto, para edificarmos a nossa interioridade é necessário darmos bons frutos. Mas, para isso tem que morrer o “eu inferior”, sendo integrado e alinhado ao “Eu Superior”, queimando de vez o Karma (dever a ser cumprido no SOU), que se tornará Dharma (realidade). Chegará o momento de sair da roda de Samsara (ignorância), pois terminará o ciclo das reencarnações, em que a jangada, após atravessar o rio, permite ao passageiro alcançar o Nirvana para os budistas, o Reino de Deus para os cristãos.

Mas, o desconhecido nos leva a temer a morte. Por isso, ela é fonte natural de receios e angústias. Porém, quando a compreendermos, estaremos a compreender a nossa existência. Nesse caso se faz necessário que todo maçom pratique um seppuku, tirando de suas entranhas todos os instintos egoístas, os estados aflitivos, para então nascer para uma nova vida, sem necessariamente ter que perdê-la; sem ter que temer o que não se conhece. Essa atitude interior nos permite a entender que não é o fim, mas, sim, o começo. Com essa prática a Acácia florescerá onde for plantada, e viverá numa profunda e eterna paz, dando muitos frutos.

Não podemos ir de encontro com as Leis do Universo meus irmãos, a morte é um fato incontestável. Nada pode evitá-la. Então, preparem-se para ela. Assim como nascemos, todos morreremos. Devemos entender que a vida é um processo contínuo de morte. A cada dia que se passa em nossa vida, morremos um pouco. Tomando conhecimento dessa verdade o maçom não deve temê-la.

Quando formos capazes de entender todo o processo da iniciação, ficaremos despojados do medo da morte e compreenderemos melhor a oração de São Francisco de Assis, que diz “... é morrendo que se vive para a vida eterna”.

Esse entendimento somente será completo quando abrirmos os olhos e compreendermos que a “LUZ É DADA DEPOIS DA MORTE”, e “QUE SE FAÇA A

LUZ...! E A LUZ FOI FEITA!”. A luz é a sua, a nossa recompensa.

APÊNDICE

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Refletir sobre a morte obriga-nos a refletir sobre a vida.”

Procure sempre semear o amor, perdoe sempre e seja feliz enquanto vida você tiver. Só os amados conseguem amar, só os felizes conseguem fazer os outros felizes. Não faça da sua vida um poço de angústia, de medos e de solidão. Não procure ser infeliz, mas goze da vida eterna. É a morte que nos conduz até os braços do Pai. Não tenha medo de morrer, se entregue sem questionar, sem perguntar: por que logo eu? A vida continuará mesmo sem você existir meu irmão, apenas chegou o momento em que o nosso Pai nos chamou para uma nova realidade, uma nova morada perto Dele. Portanto, não tenha medo, mas, viva feliz na graça do G.:A.:D.:U.: e se entregue sorridente em Seus braços quando a sua hora chegar. Lembre-se de vencer as suas paixões, submeter a sua vontade e torne-se um pobre de Deus para alcançar esse estágio espiritual.

Não se compreenda aqui, que para ser um pobre de Deus, necessariamente sejamos todos pobres. Mas, para alcançarmos essa condição precisamos vencer todos os estados aflitivos; os instintos egoístas, para então, enriquecermos na graça do Senhor. Portanto, tornemo-nos ricos de humildade, pobres de arrogância; ricos de serenidade, pobres de raiva e ira; ricos de amor, pobres de ódio e de rancor; ricos de generosidade, partilha e filantropia, pobres de egoísmo; ricos de simplicidade, pobres de vaidade e orgulho; ricos de tolerância e de bondade, pobres de intolerância; ricos de sinceridade, pobres de hipocrisia; ricos de renúncia, pobres de inveja; ricos de nobreza, pobres de soberba; ricos de perdão, pobres de condenação. Sejamos todos desprovidos desses instintos egoístas e sejamos, então, um pobre de Deus, porém ricos de todos os dons do espírito.

Como apêndice, o autor deixa um poema de sua autoria, para reflexão sobre o tema ora abordado, intitulado: Um Belo Anjo.



Um Belo Anjo

Meu amado e esperado belo anjo.
Se és masculino ou feminino,
Querubim, Serafim ou Arcanjo,
Não tens sexo definido.

Ensinarão-me que eras feia,
Bruxa, com foice de morte.
Trouxeram medos aos consortes,
Como aranha que mata na teia.

Colocaram-te uma velha túnica,
Horrorizaram a tua bela face,
Não adianta, porque esse disfarce
Não tira a tua beleza, que é única.

Nos momentos de dor e aflição,
Lá tu estás velando o sofrimento.
E, a qualquer momento,
Irás levar o moribundo à salvação.

Não entendo o porquê desse medo,

Que todos demonstram por ti,

Meu Querubim, Arcanjo ou Serafim.

Nesse mistério, permaneces em segredo.

Ninguém te ama ou, clamando, te venera.
Procuram com medo e desprezo te evitar,
Pensam que podem com promessas vetar,
A tua presença, que é bela, não é quimera.

Como és belo ou bela, meu querido anjo!

Um dia vou te contemplar, meu arcanjo...

Quando esse sublime momento chegar,

Quero em teus braços, feliz me entregar.

E, nesse momento de luz, eu quero ir

Em tuas asas, aonde irás me conduzir.

Quero voar, flutuar, voar, flutuar e voar,

Até lá no céu, contigo, são e salvo chegar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA, Português. A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Pastoral – São Paulo, 1991

BOLLER, Charles Evaldo. Segredo Maçônico: Fugir da Morte não é difícil. Disponível em Segredomaconico.blogspot.com/2011/01/fugir-morte-nao-edificil.html.

CAMPOS, Jaaziel Correia. Siddhartha, o Buda – Saindo da Matrix. Disponível em www.saindodamatrix.com.br/archives/siddhartha.htm.

COSTA, Wagner Veneziani. Os Mistérios da Vida e da Morte. Revista Universal Maçônico. Disponível em www.revistauniversomaconico.com.br/.../os-misterios-da-vida-e-da-mort...

J. Paulo. A Morte – Maçonaria em Portugal. Disponível em www.maconariaportual.com/pranchas/pranchas-3.

LARRAÑAGA, Inácio. A Arte de Ser Feliz. Edições Paulinas, São Paulo, 2012.

LARRAÑAGA, Inácio. O Irmão de Assis. Edições Paulinas, São Paulo, 2004.

MARTIN, Eduardo. Sidarta (Buda) – Caminho do Meio. Disponível em www.youtube.com/watch?v=silggNYmvm0.

MARTON, Fábio (Referência). Kamikaze. Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em pt.wikipedia.org/wiki/kamikaze/

PAULA, Caco de. O príncipe hindu Sidarta Gautama, o iluminado. Superinteressante. Disponível em super.abril.com.br/.../principe-hindu-sidarta-gautama-iluminado-442777.

PEREIRA, G. Gilberto. HARAQUIRI: a morte como metáfora. Disponível em www.overmundo.com.br/banco-haraquiri-a-morte-como-metafora

PEREIRA, Ana. A cultura Esquimó. Disponível em www.slideshare.net/AnaPereira2/a-cultura-esquim. Ponto de Encontro das Religiões – Buda – Disponível em www.bahai.org.br/religiao/buda.htm.

SIDARTA GAUTAMA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation,

2017. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Sidarta_Gautama&oldid=49384622. Acesso em: 24 jun. 2017..

SIGNIFICADO DE KAMIKASE – O que é, Conceito e definição. Disponível em www.significados.com.br/kamikaze/.

SILVA, Cíntia Cristina da. Como era realizado o ritual do haraquiri? Mundo Estranho. Disponível em mundoestranho.abril.com.br/.../como-era-realizado-o-ritual-do-haraquiri.

VENUTI, Alice. Tudo Super Interessante: Esquimó. Disponível em tudosuperinteressante.blogspot.com/2010/12/esquimó.html.